



Anais do V Congresso Nacional de pesquisadores em Dança
ANDA 2018 / Manaus
ISSN 2238-1112

Para citar esse documento:

MANCINI, Bianca Scliar C. Noli Me Tangere: da emergência do Som em movimento.
V Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. Manaus: ANDA, 2018. p. 379-391.



www.portalanda.org.br



NOLI ME TANGERE: DA EMERGÊNCIA DO SOM EM MOVIMENTO

Bianca Scliar C. Mancini *

RESUMO: Neste artigo narro a tensão entre uma dançarina e um músico, em debate a respeito da necessidade do silêncio para um encontro mais autêntico com a expressão de si no movimento. Parto da filosofia processual, também chamada como filosofia do organismo de Alfred North Whitehead, para destacar uma concepção alternativa ao conceito de percepção e recepção. O argumento enlaça-se à alegoria teológica do Noli me Tangere através de Jean Luc-Nancy para propor uma dissolução da subjetividade como unidade mínima do encontro com o Outro- e com o Mundo e sugerir a re-incorporação de unidades excedentes não substancialistas, em uma proposta de compreensão para as políticas do toque e do encontro em improvisação.

PALAVRAS-CHAVE: improvisação, filosofia processual, filosofia do organismo, imediação, toque na dança.

Noli Me Tangere: of the Emergency of Sound in Motion

ABSTRACT: In this article I narrate the tension between a dancer and a musician, in debate about the necessity of silence for a more authentic encounter with the expression of self in the movement. The birth of procedural philosophy, also called the philosophy of Alfred North Whitehead's body, to highlight an alternative conception of the concept of perception and reception. The argument ties in with the theological allegory of the Noli me Tangere through Jean Luc-Nancy to propose a dissolution of subjectivity as the minimum unit of encounter with the Other - and with the World and to suggest the re-incorporation of non-substantialist surplus units, in a proposal of understanding for the politics of the touch and the encounter in improvisation.

KEYWORDS: improvisation, process philosophy, philosophy of organism, contact immediation, touch in dance.

Realização:



Apoio:



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT
Secretaria Municipal de Cultura



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Estávamos viajando há cerca de dez dias. Foi por acaso que, ao sermos convidados para participar de uma residência artística interdisciplinar próximo à Cusco, no Peru, eu e o instrumentista improvisador Fábio Mello, com quem trabalho no Laboratório de Ensaios e Imprevistos¹, nos integramos a um encontro de Contato Improvisação que ocorria na semana anterior, na mesma fazenda onde ficaríamos hospedados por quase um mês e onde conduziríamos um workshop de pesquisa-criação e estudos rítmicos.

Há cerca de três anos começamos a desenvolver práticas pedagógicas para o enlace entre som e movimento, sempre desafiando e testando os limites de condução e toques possíveis. Entre alguns projetos de pesquisa sobre estes limites surgiu um aprofundamento sobre a noção de ritmo, como uma entrada possível para as provocações de improvisação. Para além da definição recorrente de ritmo como espaçamento entre vazios sonoros e preenchimentos cíclicos, optamos por nos aproximar do trabalho do sociólogo Henri Lefebvre em uma de suas últimas obras, quando passa de sua perspectiva marxista para uma *quasi*-metafísica da vida cotidiana, reivindicando os alicerces de uma nova ciência, que intitularia de *Rhythmanalysis*. Ao longo deste pequeno manuscrito Lefebvre desenvolve o conceito de ritmo como uma medida que resulta da relação entre um corpo e um evento. Nada do que consideramos factual, ou, material, dentro da ciência proposta por Lefebvre, é apenas superfície aparente à percepção e ao uso, mas deve ser considerado um evento dentro do jogo de repousos e ações da atenção. Há, nesta ciência uma co-emergência que desloca o que até então era considerado como um agente perceptivo (Lefebvre, 2003).

Na proposição para instauração desta nova ciência, a *Rhythmanalysis*, Lefebvre cria diversas relações entre o presente e a presença, a fim de demonstrar como as práticas de

¹ O Lab.Ei é um ajuntamento para a pesquisa-criação onde investigamos as intersecções entre a dança site specific e a filosofia através da produção de eventos híbridos e processos interdisciplinares, unindo teoria e ação e sistematizando processos de improvisação. Nossa busca por condições para a improvisação inclui práticas e reflexões sobre pedagogias processuais, que convidam o público a integrar-se nas performances e composições instantâneas. Estamos interessados na partilha que não se vê, o intangível-sensível, que denominamos de imediações (Manning, 2015; Massumi, 2014). Para a investigação desta partilha *imediata*, que tentamos alcançar com a criação de constantes imprevistos, em composições ou em práticas de estudo criamos ocasiões sitiadas a partir de coreografias que são condições permissivas para invocar uma sintonia de afetos.

Realização:



Apoio:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





repetição, resistência e mudança se relacionam com o movimento e com os fluxos. Deste modo o espaço deixa de ser a organização única e sólida de relações de poder instituídas e passa a ser co-emergente nas relações de posição e permanência que se dão nos eventos vividos. Nesta perspectiva, podemos pensar o ritmo também em relação àquilo o que compõe as condições do encontro, o contato que se apresenta antecipadamente à relação e alcançamos a máxima pressuposição da filosofia do evento, que pressupõe que não há sujeito nem objeto que antecedam ao evento.

Este conceito retornará à minha reflexão sobre o incidente que narrarei a seguir pois quando tratamos de um *sujeito do evento*, temos de considerar uma nova noção de contato, de toque, não baseada nem num transcendentalismo fenomenológico, nem em fricções de superfícies. Em Alfred North Whitehead encontramos um indicativo prévio para o que Erin Manning viria a chamar de **Políticas do Toque** (2007), quando o autor assinala um equívoco sobre aquilo o que consideramos como apenas os objetos táteis como provedores de sentido e do que chamamos estreitamente de percepção (Whitehead, 1978, p. 113). Na filosofia do organismo de Whitehead há algo naquilo o que se percebe em sensorialidade que pressupõe uma identificação correspondente com a mente que percebe. Para ele há uma diferença entre sensações-recebidas e sensações-percebidas (*sense-reception e sense-perception*), que ele indica através da fraseologia de Bergson, ao sugerir que o que se recebe não se espacializa enquanto o que se percebe, por se pressupor uma espacialização, transmite emoções entre ocasiões distintas em temporalidade (p.114). O que importa, para as provocações que tecerei aqui é apenas indicar que há uma tensão entre aquilo o que consideramos estar originado no mundo (natureza das coisas) e aquilo o que está originado em nosso próprio apetite, a natureza da atentividade, ou da mente, no vocabulário ainda de Whitehead.

Assim como na filosofia do organismo, na *Rythmanalysis* a matéria de fato é compreendida de modo similar, não como objeto, ação concreta, mas como a atividade, ou mudança que constituem a experiência. Ser é estar em ação (Whitehead, 1960; Massumi, 2011).

Realização:



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE MANAUS



Fomento:





Houve algumas tensões durante as Jams do evento que iniciei descrevendo no início deste texto, pois haviam músicos convidados que se aventuravam a participar das Jams, com a condução de experimentos sonoros, construção de paisagens incidentais durante os encontros de movimento e um grupo que nitidamente preferiria dançar em silêncio, o que foi resolvido com uma negociação de alternâncias ao longo das noites. Mas, na última tarde em que o grupo improvisava junto, um evento em particular foi o catalisador para a elaboração deste trabalho, evento este que foi acidentalmente gravado, pois minha câmera estava posicionada em modo contínuo de gravação, sobre uma janela na antiga igreja de pedra onde dançávamos.

No vídeo ouvimos um ruído alucinado de cães do lado de fora e um músico sentado tocava seu tambor xamânico quando uma das dançarinas, em voz quase episcopal se aproxima calmamente dele e diz:

- Quando alguém que nunca dançou Contato Improvisação pergunta o que é o Contato Improvisação, de modo natural questionam “com que música dançam”. E eu respondo “dançamos em silêncio”. As pessoas ficam abismadas. Percebo que há algo natural em mim que para os outros é tão raro... O que passa quando todo o mundo de condução é interno? Aparece algo muito íntimo que ocorre entre eu e o outro.

Na sequência de sua fala ela se justifica, dizendo que ama a música, mas que a música nos leva a lugares que são distintos aos lugares que a música interior a leva... por mais sensível que seja a música. “Lugares que só chego quando a música não existe”, ela complementa. Finalmente ela agradece a qualidade do que ele produz, dizendo que não é nada pessoal, mas que é a exigência por silêncio seria comentário técnico.

O músico, que já trabalha conosco há cerca de três anos no LabEi, abismado, toma seu tempo, equaliza sua voz e diz que ele tem plena responsabilidade por entrelaçar esta relação. Ele diz:

Realização:



SECRETARIA DE
CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





-Minha música é para pessoas que não ouvem só a música, que desejariam ouvir coisas que não estão contidas só na música.

Ele comenta, de um modo muito autêntico, sobre o quanto a ideia de silêncio é uma abstração, já que, de fato, a capacidade de encontrar este utópico silêncio e lugares interiores, existe a partir de uma habilidade existencial. Seu comentário se aproxima do que Alfred North Whitehead chamaria de sintonia de afetos, aquilo que gera nossos vetores de apreensão, conforme anteriormente assinaiei.

Neste artigo parto da filosofia processual, também chamada como filosofia do organismo, elaborada por este pensador no início do Século XX para especular sobre alguns pontos que considero estarem emaranhados neste recorrente desvio sobre as relações entre música e movimento em processos de improvisação, dentre eles, a alegoria teológica do *Noli me Tangere*, a concepção de silêncio, a dissolução da subjetividade como unidade mínima do encontro com o Outro- e com o Mundo e, finalmente questionar sobre a agenda ontopolítica que implica perpetuar estes conceitos nas práticas criativas hoje.

Em seu livro **Noli Me Tangere** (2008), o filósofo Jean Luc Nancy analisa uma série de obras de arte que retrataram um momento importante na teologia cristã quando, após ser colocado em seu túmulo de pedras, Jesus de Nazaré é visitado por Maria Madalena, que encontra sua mortalha jogada ao chão e o túmulo vazio. Ela então vê os anjos se elevando e, finalmente, tem a miração do jardineiro, quem, inicialmente não reconhece. Ao inclinar-se para toca-lo ele diz à Madalena: “ Não me toques”. É então apenas por sua voz que Maria Madalena reconhece, entende, ou seja, revela sua crença e conecta-se ao intangível. É destacado por Nancy que este evento constrói um discurso de pertencimento a partir de uma verdade invisível, que se apresenta pela representação (um corpo), mas que não se coloca como material.

O sujeito da Experiência:

Realização:



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Para Alfred North Whitehead, nunca há um sujeito que preexiste uma ocasião de experiência. E nunca há um tempo em que estejamos completamente formados. Todas as ocasiões de experiência são a qualidade de subjetividade que sua singularidade desperta. Ao fazê-lo, eles co-criam o tempo do evento. Um sujeito é no tempo, entrando em si mesmo dessa maneira neste conjunto de condições apenas para que mude novamente, com a força de um conjunto diferente de condições. Um sujeito não pode, portanto, ser reduzido jamais a uma única ocasião, como se essa iteração de experiência pudesse mapear cada uma das instâncias passadas e futuras do que poderia significar ter *entrado em si*. Tal suposição não deixaria espaço para a vivacidade da diferença no mundo.

Se este é o caso, por que é que mantemos um senso tão forte do sujeito? Como podemos falar com tanta confiança sobre posições de sujeito e práticas de identidade? Por que nós reivindicamos conhecer "o sujeito" tão claramente? Conhecemos o sujeito porque o assunto nos é dado repetidas vezes como o recurso principal de experiência. Esse recurso, organizado por um compromisso com a responsabilidade em primeira pessoa, direciona como a experiência é orientada. O sujeito, aprendemos, é a agência por trás dos corpos, a agência que orienta a experiência. Os sujeitos são tão fortes quanto as posições mediadoras que eles reforçam. O relato de Whitehead da subjetividade emparelhado com o conceito de imediação, é a proposição aqui: que os únicos sujeitos são os sujeitos dos eventos: os sujeitos não organizam a experiência - eles são organizados por ela.

Tensa e extensa, assim é a experiência de si- Limitada na espécie e recriando-se num impulso de diferenciação. Imobilizada nos atos que pontuam o movimento no espaço e fluindo na passagem de um tempo que simplesmente dura e assim liga a memória à percepção pela via do reconhecimento pragmático, conservando a totalidade do passado como uma fonte indestrutível disponível à variação dos regimes de atenção.

A experiência dos sentidos:

Realização:





É fundamental aqui que estejamos cientes de uma máxima que vem por muito se perpetuado em nossos usos epistemológicos a respeito da sensação. Como se houvesse um objeto a ser sentido, e que este sentido se constrói no corpo.

A sugestão de que o corpo é um aparato que sente, e que aquilo o que sentimos do mundo, i.e. do outro, nos atravessa a partir de sensações, tem sido contestada a partir da filosofia do organismo de Alfred North Whitehead, para quem, o sentido é uma fabulação que ocorre de encontro com o evento. Não há portanto sujeito que sente, aquele que revela algo mais autêntico, mais interno, mais oculto de si a partir de um tensionamento que silencia o mundo, dando voz a um *si mesmo* até então ocultado. O clichê “estar presente”, seria descrito como sendo uma aceitação do movimento da atenção, o resultado de como compomos em movimento entre sensualidade e imaginação.

Na filosofia do organismo de Whitehead a sensação existe anteriormente, aguardando a ser ativada, no sentido imanente ou virtual, no evento, e o corpo agiria como um catalizador. O que se percebe, nestes termos, o texto do mundo, só se oferece àquele que de algum modo já o conhece. O que o evento faz é abrir o ouvido à nossa própria capacidade de escuta.

Em **Noli me Tangere** Nancy comenta que Madalena só percebe a figura imaterial do jardineiro por ser movida por um ato de fé. Ele não está ali e por isso não pode ser tocado. É enunciado o ponto sensível da relação através do imperceptível. Assim, retornando ao encontro entre música e corpo dançante, o som produzido na sala produz um efeito à experiência de quem dança: algo imaterial me toca, um espectro de meu corpo por vir.

Aquilo o que não pode ser tocado é espectral, fantasmagórico ou, em outras palavras a coisa não se coloca em presença mas carrega seu sentido em função de uma repartição, que se dá a partir do encontro, do evento. Esta parte que está indisponível faz-se perceber em espectralidade.

A concepção de percepção à qual aderimos inadvertidamente advém de Hume e Newton, e omite nossos modos intuitivos de compreender o que nos cerca. Nossa posição atual deixa de lado a noção do espaço vazio, do espaço de interconexões como um campo de

Realização:



COORDENADORIA DE EVENTOS DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





forças, excluindo um campo de atividade incessante e imaterial que modula os eventos de encontro (Whitehead, 1968, p.136).

E o que fazemos agora, pergunta Whitehead, quando a matéria passa a ser identificada como uma energia que é atividade sem aparente causa e efeito? Alguns elementos permanecem em constante agitação, propelidos pelo ambiente- algo persevera e confundimos esta perseverança com permanência. Estes são nossos substantivos, nosso sujeito falacioso das relações.

Brian Massumi (2011) destaca que vemos coisas que não vemos efetivamente. Em uma complexa análise entre forma e percepção ela observa que não vemos as espirais mas o espiralamento, o fluxo de movimento que emerge da forma. A forma é apenas uma plataforma para a sensação- ela não contém uma informação em si.

Há algo sobre a natureza da percepção- sobre o ato de sentir um objeto, que seria uma referência a seus volumes- quando não interferimos na *voluminessência* de um objeto, direta e imediatamente, sem pensar. A aparência é portanto um evento, ele descreve (p.43, tradução nossa). O que Massumi define como semblância é a ação de tomar a abstração inerente à percepção dos objetos que a leva a um outro nível. Temos aqui o germe da teoria da Imediação: vivemos de nossos investimentos especulativos- são eles que nos movem.

A palavra imediação não existe anteriormente ao levante teórico que sugere uma interação baseada na supressão de mediação. A mediação produz um conhecimento crítico a partir de uma distância, enquanto o conceito de imediação celebra o fato de que estamos sempre imersos na rede relacional. A imediação privilegia a categoria do evento e o imediatismo da experiência, escreve Erin Manning na abertura de seu projeto investigativo (2011).

Entre a experiência e a consciência de si, estar presente:

A partir desta dissolução entre dar sentido e sentir, notamos que o pensamento sempre está dessincronizado de si mesmo, conforme escreve Erin Manning no prefácio de Seu livro

Realização:



Apoio:



SECRETARIA DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Minor Gesture (2016). O pensamento e a percepção operam por intervalos menores que são incorporais, apesar de terem substância, e destas serem palpáveis. A substância dos intervalos, para a filósofa é a capacidade de reter qualidades mesmo quando a ocasião actual se dissipa. Esta é a qualidade que deixamos escapar ao movimento: a ação, se nos retemos em analisar apenas formas e posições. É o intervalo, aquilo o que ocorre entre uma pose e outra, entre um gesto e outro, que cria um cisma no tempo linear, preservando o futuro no presente.

Poderíamos dizer que o que compõe o evento então é a volição: quero focar minha atenção, quero mover. Volição, intenção e agenciamento co-composto para criar um indivíduo livre, capaz de improvisar. Entretanto, a volição não pode ser reduzida a uma volição individual, ela é ecológica-coletiva.

Whitehead descreve este campo ecológico-coletivo como elaborado através de preensões negativas. Seleccionamos isso ou aquilo em um campo de movimento-movente (Manning, 2016). Quando uma preensão atualiza como ocasião o mundo aparece em sua singularidade e cria esse ou aquele experiência sentida. Mas e quanto ao quase sentido em sua elasticidade? Isso também não faz a diferença, mesmo que não esteja alinhado ao evento?

Manning descreve a importância de todo este excedente de uma experiência, que também é produtivo de sensorialidades, que também nos coloca em ação e que não tem forma, não tem tempo e não pode ser categorizado. Não é presente, não pertence ao passado nem ao futuro. Cada evento se faz daquilo que é excesso de si- o seu excedente (2016, p.119).

Minha hipótese aqui, a partir desta perspectiva filosófica é que se algo nos transtorna neste encontro com um *self* mais profundo mais original, no ato da improvisação, esta incapacidade em sintonizar a atenção está no evento compositivo do sujeito, e não no ambiente.

Em *Noli me tangere* Nancy descreve o encontro com este intangível como um mistério quase religioso, que está no cerne da condição de receptividade dos sentidos. Há uma passividade ou paixão incendiadora que ativa tudo o que é da ordem dos sentidos, ou sensual

Realização:



SECRETARIA DE
ENSINO DE OATANA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT
Secretaria Municipal de Cultura



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





(p.14). Esta concepção se aproxima da reversão entre sentir e perceber que aponta Whitehead e seus sucessores na filosofia especulativa. Nancy escreve que "a crença espera o espetacular e o inventa se for preciso" (p.14, tradução nossa).

Quando se almeja algo mais puro, mais original, mais autêntico, mais secreto sobre um *si mesmo*, e que é conquistado a partir de uma pressuposição de reclusa, supõe-se um toque, um encontro original, como se ali, no centro do sujeito dançante houvesse algo que se quer alcançar mas que não me alcança, ou ainda, que não alcança o mundo.

O que a filosofia do organismo propõe é que as ideias dos objetos percebidos pressupõe sua identificação com ideias correspondentes na mente que percebe. As ideias do objeto foram apropriadas pelo funcionamento subjetivo da mente que percebe.

No levantamento que fiz da bibliografia clássica disponível sobre o Contato Improvisação não pude encontrar menção específica a respeito do silêncio como uma regra fundamental para a execução da técnica. De fato, para meu argumento isto seria tampouco relevante pois tratar-se-ia de uma discussão sobre a sistematização de um método com diversas vertentes de prática. Meu interesse, como já exposto até aqui, é direcionar o esforço analítico desta tensão para outros debates. Ainda que tivesse sido postulada esta regra, ela usualmente aparece a partir de um princípio que procura direcionar a atenção para o encontro material com o outro, a partir de um substancialismo. Há de se ter cuidado para não almejar secretamente uma condição primordial a qual se refere o estado de dança, como se este fosse uma atenção utopicamente recortada por um idealismo ingênuo. Este apetite acata uma noção que, senão equivocada de todo, é, no mínimo discrepante do próprio pressuposto do corpo pensante-movente que se pretende alcançar com a prática da improvisação.

De fato há uma síntese disjuntiva das sensações incessante e Manning sugere que a tratemos não como incorporação mas como corporação. Não há linguagem que consiga descrever uma corporação. O movimento não cede para descrever uma linguagem mas ele se rende integralmente às forças presentes. . (2016, p.40). Daniel Lepkkof, ao abordar esta questão indica sobre a problemática da idéia de "estar presente", que, segundo ele "como um conceito de dança "estar presente" seria difícil de definir em termos técnicos. Ele descreve:

Realização:



COORDENADORIA
DE INOVAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





"Continuando a explorar os detalhes físicos desse conceito ao longo dos anos, percebi que estar presente é na verdade um movimento e identifiquei o que está se movendo. Estar presente é o movimento da minha atenção" (2005)

Não me toque- não queira me tocar:

A frase *Não me Toques*, alerta Nancy, precisa de um contexto sempre- por exemplo, para situar advertência ou perigo (p.24), posto que de fato significa "não me detenhas, não penses que me alcanças". Se tocar é reter- o toque com as mãos é o compromisso mínimo de atualização- dar contorno ao outro, convertendo o impossível em possível, então a música poderia ser considerada como um lance adiante, determinando antecipadamente o para onde este corpo poderá se articular em movimento, afeto e atenção?

Quando Nancy especula em questionar se o *Não me Toque* poderia ser concluído com um "Não me toques pois sou eu quem te toca", regressamos à cena motivadora deste texto. Nesta busca por uma pureza da expressão do *eu*, a dançarina pede: Não me toques pois não posso sofrer nem dor nem gozo. Não me toques pois me estragarias, pois há algo puro em mim em que preciso mergulhar para revelar-me. Este algo posso alcançar apenas em um encontro controlado com o outro- satisfaço-me na imersão de meu ensimesmamento.

Quando o ruído externo me expõe ao indeterminado, confronta-me com um vazia, com um espaço opaco atrás do espelho de mim - do qual desvio em ilusões- delírios, num sentido de partes de mim que permanecem amputados internamente. De fato, o encontro com o mundo, exposto em sonoridades criadas por um outro expõe que não existe o silêncio mas apenas impressões de silêncio.

Enquanto isso, aquilo que ressoa no infrafino- os temperamentos, os humores, aquilo o que de fato coleta as ocorrências de nossa ecologia relacional permanece inalcançável, intocável. Para que esta porção adentre a composição da presença e da percepção e recepção do mundo é necessário deliberar desatentamente. Massumi escreve: "Temos uma palavra para estas escolhas desatentas, para esta decisão que nos leva ao desconhecido, ao

Realização:



Apoio:



GOVERNADOR
ESTADO DO AMAZONAS



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





ato que tem ressonância pessoal intensa e que não pode ser descrito como “eu senti” (...) É um fazer que é excesso, que é mais que, auto referenciado mas que ultrapassa o sujeito. Este evento que dá vida ao momento da criação e assim consegue registrar a mudança que também muda as economias de atenção do mundo. Esta palavra é intuição.” (Massumi, 2015,p. 21, tradução nossa) Concluo apenas indicando que, por vezes a extração de elementos condicionantes da experiência pode, em sentido reverso, apenas apertar as noções pressupostas de si, e não, de fato, lançar-nos a uma liberdade de encontro com o novo, ao evento que dança, de fato o indeterminado. Tal como concluiu o músico em sua resposta intuitiva àquela dançarina de ouvidos rígidos: o silêncio é uma condição de nossa própria mente.

REFERENCIAS:

LEFEBVRE, Henri. **Rhythmanalysis: Space, time, and everyday life.** London; New York: Continuum, 2003.

MANNING, Erin. **Politics of touch: Sense, movement, sovereignty.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

_____. **Relationscapes: Movement, art, philosophy.** Cambridge, Mass.: MIT Press, 2009.

_____. **The Minor Gesture.** Bogart: Duke University Press, 2016.

MASSUMI, Brian. **Parables for the virtual: Movement, affect, sensation.** Durham; London: Duke University Press, 2002.

_____. **Semblance and the event.** Activist philosophy and the occurrent arts. Cambridge: The MIT Press, 2011.

NANCY, Jean Luc. **Noli me Tangere.** On the Raising of the Body. Fordham University Press, 2008.

WHITEHEAD, Alfred North. **Process and reality, an Essay in cosmology.** New York: Harper, 1978.

_____. **Modes of Thoughts.** Massachusetts: The Free Press, 1968.

_____. **Adventures of Ideas.** New York: The Free Press, 1985.

Realização:



Apoio:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





SITES:

Lepkoff, Daniel. **The Movement of attention.**

<http://daniellepkoff.com/writings/Daniel%20Simone%20Interview.php>

Consultado em julho de 2018

* Udesc- Universidade do Estado de Santa Catarina, PPGT- Programa de Pós Graduação em teatro, Lab.E.i- Laboratório de Ensaios e Imprevistos.

Bianca Scliar

bibimove@gmail.com

É artista multimídia e trabalha com performance e vídeo nas intersecções entre a dança e as artes visuais. Doutora em Artes e Filosofia pela Concordia University (Montreal/Canadá) atua entre a pesquisa e a criação, investigando processos pedagógicos e de composição. Suas principais áreas de interesse são artes performáticas em espaços não convencionais, processos colaborativos, práticas interdisciplinares e objetos coreográficos. É pesquisadora associada ao SenseLab (Instituto Hexagram/ Concordia University), onde atua como membro do conselho editorial do periódico Inflexions- a Journal of Research Creation. É professora de técnicas corporais e danças no Curso de Teatro da UDESC, Universidade Estadual de Santa Catarina e no programa de Pós graduação em Artes Cênicas. Diretora do Lab.Ei, Laboratório de Ensaios e Imprevistos , ajuntamento para a pesquisa-criação que une artistas, filósofos, professores que investigam as intersecções entre a dança site specific e a filosofia, através da produção de eventos híbridos e processos interdisciplinares, unindo teoria e ação e sistematizando processos de improvisação. No LabEi são pesquisadas condições para a improvisação, incluindo práticas e reflexões sobre pedagogias processuais, arte relacional e filosofia do organismo. Interessadas na partilha que não se vê (o intangível-sensível), dedica-se à criar e acolher o imprevisto, em composições ou em práticas de estudo onde Repartir, transduzir o comum, tornar possíveis ocasiões sitiadas a partir de coreografias que são condições permissivas para invocar sintonia de afetos é o centro dos seus estudos e experimentos criativos.

Realização:



SECRETARIA DE
TECNOLOGIA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:

